

SEVEN

PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS
2024

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS O BULLYING E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO CONTEXTO ESCOLAR



José de Oliveira Silva

SEVEN

PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS
2024

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS O BULLYING E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO CONTEXTO ESCOLAR



José de Oliveira Silva

EDITORA CHEFE

Prof^o Me. Isabele de Souza Carvalho

EDITOR EXECUTIVO

Nathan Albano Valente

AUTOR DO LIVRO

José de Oliveira Silva

PRODUÇÃO EDITORIAL

Seven Publicações Ltda

EDIÇÃO DE ARTE

Alan Ferreira de Moraes

EDIÇÃO DE TEXTO

Natan Bones Petitemberte

BIBLIOTECÁRIA

Bruna Heller

IMAGENS DE CAPA

AdobeStok

2024 by Seven Editora

Copyright © Seven Editora

Copyright do Texto © 2024 Os Autores

Copyright da Edição © 2024 Seven Editora

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Seven Publicações Ltda. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Seven Publicações Ltda é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação.

Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



O conteúdo deste Livro foi enviado pelo autor para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional

CORPO EDITORIAL

EDITORA-CHEFE

Profº Me. Isabele de Souza Carvalho

CORPO EDITORIAL

Pedro Henrique Ferreira Marçal - Vale do Rio Doce University
Adriana Barni Truccolo - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
Marcos Garcia Costa Morais - Universidade Estadual da Paraíba
Mônica Maria de Almeida Brainer - Instituto Federal de Goiás Campus Ceres
Caio Vinicius Efigenio Formiga - Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Egas José Armando - Universidade Eduardo Mondlane de Moçambique
Ariane Fernandes da Conceição - Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Wanderson Santos de Farias - Universidade de Desenvolvimento Sustentável
Maria Gorete Valus - Universidade de Campinas
Luiz Gonzaga Lapa Junior - Universidade de Brasília
Janyel Trevisol - Universidade Federal de Santa Maria
Irlane Maia de Oliveira - Universidade Federal de Mato Grosso
Paulo Roberto Duailibe Monteiro - Universidade Federal Fluminense
Luiz Gonzaga Lapa Junior - Universidade de Brasília
Yuni Saputri M.A - Universidade de Nalanda, Índia
Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí, CEAD
Anderson Nunes Da Silva - Universidade Federal do Norte do Tocantins
Adriana Barretta Almeida - Universidade Federal do Paraná
Jorge Luís Pereira Cavalcante - Fundação Universitária Iberoamericana
Jorge Fernando Silva de Menezes - Universidade de Aveiro
Antonio da Costa Cardoso Neto - Universidade de Flores Buenos Aires
Antônio Alves de Fontes-Júnior - Universidade Cruzeiro do Sul
Alessandre Gomes de Lima - Faculdade de Medicina da Universidade do Porto
Moacir Silva de Castro - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Marcelo Silva de Carvalho- Universidade Federal de Alfnas
Charles Henrique Andrade de Oliveira - Universidade de Pernambuco
Telma Regina Stroparo - Universidade Estadual de Ponta Grossa
Valéria Raquel Alcantara Barbosa - Fundação Oswaldo Cruz
Kleber Farinazo Borges - Universidade de Brasília
Rafael Braga Esteves - Universidade de São Paulo
Inaldo Kley do Nascimento Moraes - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Mara Lucia da Silva Ribeiro - Universidade Federal de São Paulo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

S586d

Silva, José de Oliveira.

Desafios contemporâneos [recurso eletrônico] : O bullying e a inteligência emocional no contexto escolar / José de Oliveira Silva. – São José dos Pinhais, PR: Seven Editora, 2024.

Dados eletrônicos (1 PDF).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-6109-112-1

1. Educação. 2. *Bullying*. 3. Preconceito. 4. Inteligência emocional. Título.

CDU 316.647.3:37

Índices para catálogo sistemático:

1. CDU: Hostilidade / Agressão / Violência na educação 316.647.3:37

Bruna Heller - Bibliotecária - CRB10/2348

DOI: 10.56238/livrosindi202476-

Seven Publicações Ltda
CNPJ: 43.789.355/0001-14
editora@sevenevents.com.br
São José dos Pinhais/PR

DECLARAÇÃO DO(A) AUTOR(A)

O(a) autor(a) deste trabalho DECLARA, para os seguintes fins, que:

Não possui nenhum interesse comercial que gere conflito de interesse em relação ao conteúdo publicado;

Declara ter participado ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente nas seguintes condições: "a) Desenho do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação dos dados; b) Elaboração do artigo ou revisão para tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão";

Certifica que o texto publicado está completamente livre de dados e/ou resultados fraudulentos e defeitos de autoria;

Confirma a citação correta e referência de todos os dados e interpretações de dados de outras pesquisas;

Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para realizar a pesquisa;

Autoriza a edição do trabalho, incluindo registros de catálogo, ISBN, DOI e outros indexadores, design visual e criação de capa, layout interno, bem como seu lançamento e divulgação de acordo com os critérios da Seven Eventos Acadêmicos e Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Seven Publicações DECLARA, para fins de direitos, deveres e quaisquer significados metodológicos ou legais, que:

Esta publicação constitui apenas uma transferência temporária de direitos autorais, constituindo um direito à publicação e reprodução dos materiais. A Editora não é co-responsável pela criação dos manuscritos publicados, nos termos estabelecidos na Lei de Direitos Autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; O(s) autor(es) é(são) exclusivamente responsável(eis) por verificar tais questões de direitos autorais e outros, isentando a Editora de quaisquer danos civis, administrativos e criminais que possam surgir.

Autoriza a DIVULGAÇÃO DO TRABALHO pelo(s) autor(es) em palestras, cursos, eventos, shows, mídia e televisão, desde que haja o devido reconhecimento da autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial, com a apresentação dos devidos CRÉDITOS à SEVEN PUBLICAÇÕES, sendo o(s) autor(es) e editora(es) responsáveis pela omissão/exclusão dessas informações;

Todos os e-books são de acesso aberto, portanto, não os venda em seu site, sites parceiros, plataformas de comércio eletrônico ou qualquer outro meio virtual ou físico. Portanto, está isento de transferências de direitos autorais para autores, uma vez que o formato não gera outros direitos além dos fins didáticos e publicitários da obra, que pode ser consultada a qualquer momento.

Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições públicas de ensino superior, conforme recomendado pela CAPES para obtenção do Qualis livro;

A Seven Eventos Acadêmicos não atribui, vende ou autoriza o uso dos nomes e e-mails dos autores, bem como de quaisquer outros dados deles, para qualquer finalidade que não seja a divulgação desta obra, de acordo com o Marco Civil da Internet, a Lei Geral de Proteção de Dados e a Constituição da República Federativa.

AUTOR DO E-BOOK



José de Oliveira Silva

Graduado em Biologia e Pedagogia. Possui curso de especialização em Gestão dos Recursos Ambientais do seminário árido; Gestão escolar e Aprendizagem Socioemocional. Tem experiência no ensino fundamental e coordenação pedagógica. Já atuou como professor em turmas multisseriadas e, trabalhou/trabalha em turmas do ensino fundamental anos iniciais e/ou anos finais.

APRESENTAÇÃO



Este livro objetiva trazer uma reflexão sobre o crescimento dos casos de *bullying* no ambiente escolar, apontando a necessidade de uma gestão participativa para prevenção e enfrentamento através de um processo colaborativo, na perspectiva de construir e garantir um espaço educacional inclusivo, de paz e participativo. Ressalta também a importância da atuação da gestão escolar, que se constitui peça fundamental para a transformação e construção de espaços educacionais mais acolhedores e dinâmicos.

Abordando a Psicologia positiva e a Inteligência Emocional no contexto escolar, ressalta a importância do trabalho voltado para a abordagem desses temas, contribuindo para mitigar os casos de *bullying* e, desenvolver sensações de bem-estar aos alunos e comunidade escolar.

O Autor

SUMÁRIO

CAPÍTULO 18

  10.56238/livrosindi202476-001

GESTÃO ESCOLAR E BULLYING: PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR

1 INTRODUÇÃO.....8

2 GESTÃO ESCOLAR E BULLYING: ALGUNS ENTRELAÇAMENTOS.....10

2.1 GESTÃO ESCOLAR: PARTICIPATIVA E DEMOCRÁTICA.....10

2.2 BULLYING: CONCEITOS, TIPOLOGIA, CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS.....12



2.3 O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NA PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO AO BULLYING.....13

3 METODOLOGIA.....16

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....16

REFERÊNCIAS.....18

CAPÍTULO 2.....20

  10.56238/livrosindi202476-002

PSICOLOGIA POSITIVA E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO CONTEXTO ESCOLAR: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

1 INTRODUÇÃO.....20

2 APROXIMAÇÕES PSICOLOGIA POSITIVA E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL.....22

2.1 PSICOLOGIA POSITIVA: BREVE HISTÓRICO, FUNDAMENTOS E APLICAÇÕES.....22

2.1.1 Psicologia Positiva no contexto escolar.....24



2.2 COMPREENDO A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL.....25

3 METODOLOGIA.....28

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....29

REFERÊNCIAS.....30

GESTÃO ESCOLAR E *BULLYING*: PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR

  10.56238/livrosindi202476-001

RESUMO

O *bullying*, caracterizado como uma forma de violência física e psicológica, tem se tornado um problema crescente no ambiente escolar, afetando negativamente a convivência entre alunos e comprometendo o desenvolvimento social e emocional das vítimas. Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo analisar o papel da gestão escolar na prevenção e enfrentamento ao *bullying*, investigando estratégias que promovam um ambiente educacional seguro e inclusivo. A pesquisa, de caráter bibliográfico, baseia-se em uma revisão crítica da literatura sobre *bullying* e gestão escolar, com foco em práticas preventivas e políticas educativas eficazes. Foram analisados livros, artigos e relatórios técnicos para entender como a gestão escolar pode influenciar na construção de uma cultura de paz e respeito mútuo. As principais discussões destacam que a gestão democrática e participativa é essencial para enfrentar o *bullying*, pois envolve toda a comunidade escolar – gestores, professores, alunos e famílias – em um processo colaborativo de prevenção e intervenção. Os resultados indicam que a implementação de políticas de convivência baseadas no diálogo, a formação contínua de professores e a criação de canais de denúncia acessíveis são medidas eficazes para reduzir a incidência de *bullying*. Além disso, o envolvimento da comunidade escolar fortalece a rede de apoio emocional, contribuindo para um ambiente escolar mais acolhedor e seguro. Conclui-se que a gestão escolar desempenha um papel crucial na transformação do ambiente educacional, sendo capaz de promover a inclusão, o respeito às diversidades e a criação de uma cultura de convivência pacífica, essencial para a prevenção do *bullying* e o bem-estar dos estudantes.

Palavras-chave: *Bullying*, Gestão escolar, Prevenção.

1 INTRODUÇÃO

O *bullying* é uma prática de violência física e psicológica que tem crescido consideravelmente nos ambientes escolares ao redor do mundo. Esse fenômeno afeta tanto a convivência entre alunos quanto o desenvolvimento social e emocional das vítimas, resultando em consequências profundas que impactam a aprendizagem e o bem-estar de toda a comunidade escolar. O tema em questão trata-se do papel da gestão escolar na prevenção e enfrentamento ao *bullying* no ambiente educacional, uma temática que se faz urgente diante das demandas contemporâneas por ambientes educacionais mais seguros e acolhedores.

No ambiente escolar, o *bullying* ocorre de várias formas, como xingamentos, agressões físicas, exclusão social e apropriação de objetos, tanto em espaços físicos quanto virtuais. Embora seja mais frequente entre crianças, adolescentes e jovens, também afeta o ensino superior e profissionais da educação. Dependendo da gravidade, pode causar sérios danos biopsíquicos, resultando, em casos extremos, em suicídio ou violência contra terceiros, como homicídios.

A ideia básica que norteia este estudo é investigar de que maneira a gestão escolar pode se posicionar de forma proativa na criação de políticas e práticas que não apenas lidem com o *bullying*, mas que também o previnam. Para isso, o foco desta pesquisa será direcionado às ações da gestão escolar no combate a esse fenômeno, buscando compreender quais estratégias têm sido eficazes e de que forma as escolas podem desenvolver uma cultura de diálogo e empatia.

Situar este tema dentro do campo da Educação é fundamental, já que a escola não é apenas um espaço de transmissão de conhecimento, mas também de formação cidadã e socialização. A crescente violência nas escolas exige dos gestores não apenas uma resposta reativa aos episódios de *bullying*, mas, principalmente, a implementação de políticas preventivas que englobem todos os atores da comunidade escolar. Esse contexto evidencia o papel central da gestão na criação de um ambiente que promova a inclusão, o respeito às diversidades e a construção de uma cultura escolar democrática.

A escolha deste tema foi motivada pela constatação de que, embora o *bullying* seja amplamente discutido, muitas vezes as escolas carecem de uma gestão que implemente ações sistemáticas e eficazes para enfrentá-lo. A prevenção ao *bullying* não pode ser relegada à atuação isolada de professores ou apenas a campanhas pontuais; deve ser parte de uma política integrada de gestão que envolva alunos, famílias e toda a comunidade educativa.

O objeto de análise deste estudo será, portanto, as práticas de gestão escolar voltadas para a prevenção e enfrentamento do *bullying*. Pretende-se analisar como as ações dos gestores escolares podem influenciar no combate a este fenômeno, destacando os desafios, estratégias e as possíveis soluções que promovam uma cultura escolar de paz e inclusão.

A relevância social deste estudo é indiscutível, uma vez que o *bullying* afeta profundamente a vida dos estudantes, não apenas em termos de seu desempenho acadêmico, mas também em sua saúde mental e desenvolvimento social. Estudos apontam que o *bullying* pode levar a graves consequências psicológicas, como depressão, ansiedade, evasão escolar e, em casos extremos, suicídio (Fante, 2008). Portanto, compreender como a gestão escolar pode agir preventivamente, criando políticas educativas e mecanismos de intervenção, é essencial para promover o bem-estar dos alunos e garantir seu direito a um ambiente educacional saudável e seguro.

Diante do exposto, o objetivo geral desta pesquisa é analisar o papel da gestão escolar na prevenção e enfrentamento ao *bullying* no ambiente escolar, identificando estratégias de gestão que promovam um ambiente educativo seguro e inclusivo. A pesquisa busca compreender como a atuação dos gestores escolares pode influenciar na construção de uma cultura de paz e respeito mútuo, explorando as melhores práticas e políticas voltadas à conscientização, prevenção e intervenção em casos de *bullying*.

Os objetivos específicos são: 1. Analisar como a gestão democrática e participativa contribui para a criação de um ambiente escolar mais inclusivo e seguro e 2. Propor recomendações de práticas de gestão escolar que possam ser implementadas para prevenir e combater o *bullying* de maneira mais eficaz.

O artigo está dividido em três partes. A primeira aborda a sobre a gestão escolar participativa e democrática; a segunda discute sobre o *bullying*, apresentando seus conceitos, causas e consequências. A última parte foca no papel da gestão escolar na prevenção e enfrentamento ao *bullying*, destacando estratégias para combater essa violência.

2 GESTÃO ESCOLAR E BULLYING: ENTRELAÇAMENTOS E POSSIBILIDADES

2.1 GESTÃO ESCOLAR: PARTICIPATIVA E DEMOCRÁTICA

A gestão escolar, especialmente quando concebida nos moldes democráticos e participativos, emerge como um processo de integração entre os atores da comunidade escolar e a própria sociedade. Através desse modelo, busca-se não apenas a eficiência organizacional, mas também a formação integral do sujeito, promovendo valores como cidadania, criticidade e autonomia.

De acordo com Silva (2024), a gestão educacional desempenha um papel crucial para assegurar o funcionamento eficiente e eficaz da escola. A gestão democrática pública e participativa emergiu como uma resposta à necessidade de superar a cultura de nomeações políticas para cargos de confiança, evitando a centralização de recursos e a interferência governamental. Esse modelo de gestão foi formalmente incorporado no Brasil com a Constituição de 1988, que estabeleceu novas diretrizes para a descentralização do poder e a valorização da autonomia nas instituições educacionais.

A Constituição Federal de 1988, juntamente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96, são marcos legislativos que reforçam a importância da gestão democrática como princípio norteador do sistema de ensino público no Brasil. Dourado et al. (2006) observam que a implementação da gestão democrática permite que as instituições de ensino assumam maior autonomia administrativa e pedagógica, garantindo que as decisões sejam tomadas no interior das escolas e não de forma externa e centralizada. Esse princípio fortalece a necessidade de práticas educativas baseadas na coletividade e na valorização das experiências locais e regionais.

Entretanto, a consolidação da gestão democrática enfrenta desafios. Santos et al. (2023) destacam que, em muitas escolas, ainda persiste a concentração de poder nas mãos dos diretores, o que impede a efetiva participação da comunidade escolar nos processos decisórios. Para superar esses obstáculos, o Projeto Político Pedagógico (PPP) se apresenta como uma ferramenta central,

integrando as dimensões pedagógicas e administrativas para promover uma educação inclusiva e participativa.

A participação ativa de todos os segmentos da comunidade escolar, incluindo professores, gestores, estudantes, pais e funcionários, é fundamental para a eficiência desse modelo de gestão. Gadotti (2004) enfatiza que espaços de diálogo, como os conselhos escolares, são indispensáveis para garantir que todas as vozes sejam ouvidas, assegurando que as decisões reflitam os interesses coletivos. Paro (2000), por sua vez, sublinha que a gestão escolar não deve se limitar às questões burocráticas e administrativas, mas deve atuar como mediadora entre as demandas pedagógicas, sociais e administrativas da escola.

A formação contínua dos gestores também é um aspecto crucial. Segundo Candau (2003), a qualidade da educação está diretamente ligada à capacidade do gestor de criar um ambiente de trabalho colaborativo, onde os professores se sintam envolvidos e incentivados a refletir sobre suas práticas pedagógicas. Essa liderança, ao promover a participação e o diálogo, melhora o clima organizacional e potencializa os resultados educacionais.

Contudo, a implementação da gestão democrática nas escolas não está isenta de dificuldades. Barros (2009) observa que muitos gestores ainda carecem de preparo adequado para lidar com a complexidade desse modelo, o que compromete a participação efetiva da comunidade escolar. Além disso, as frequentes mudanças nas políticas públicas educacionais, em decorrência das transições de governo, afetam a continuidade dos projetos voltados para a democratização da gestão escolar.

A gestão escolar participativa e democrática tem ganhado relevância como um modelo eficaz no enfrentamento de problemas complexos, como o *bullying*, dentro do ambiente escolar. Fundamentada em princípios de participação coletiva, esse modelo de gestão prioriza a inclusão de diferentes atores sociais – gestores, professores, alunos e comunidade – no processo decisório e na construção de um ambiente escolar saudável.

Libâneo (1994) afirma que a gestão democrática na escola implica não apenas a descentralização das decisões, mas, sobretudo, a participação ativa de todos os segmentos da comunidade escolar no planejamento e implementação das ações pedagógicas e organizacionais. Este tipo de gestão promove um ambiente mais aberto ao diálogo, o que é essencial para a criação de um espaço onde o *bullying* seja reconhecido e enfrentado de forma coletiva.

Além disso, como apontado por Abramovay e Rua (2002), a violência escolar, incluindo o *bullying*, muitas vezes surge da falta de sentido na permanência dos alunos na escola, sendo que o ensino muitas vezes se mostra desconectado dos interesses dos estudantes. A gestão democrática, ao envolver os alunos nas decisões e ao promover um ambiente de respeito mútuo, pode mitigar essas desconexões, reduzindo os conflitos e as práticas de *bullying*.

O envolvimento da comunidade escolar é fundamental, em que a gestão escolar precisa identificar, dialogar e agir de forma coletiva e integrada, criando políticas de prevenção e intervenção que sejam efetivas para lidar com o *bullying*. Nesse sentido, a abordagem participativa da gestão escolar permite que as estratégias sejam mais eficazes, já que são desenvolvidas de forma colaborativa e com uma maior compreensão das necessidades e particularidades do ambiente escolar.

De acordo com Fante (2008), o combate ao *bullying* exige não só a ação dos professores e gestores, mas também a cooperação dos alunos e de suas famílias. Uma gestão democrática facilita a implementação de programas de conscientização e prevenção ao *bullying*, já que permite o engajamento de todos os envolvidos no processo educativo, criando um ambiente de responsabilidade compartilhada.

Assim, a gestão escolar participativa e democrática se configura como um importante caminho para enfrentar o *bullying*, pois possibilita o desenvolvimento de ações preventivas e interventivas, que respeitam as especificidades de cada comunidade escolar, favorecendo um clima de respeito e cooperação entre todos.

2.2 BULLYING: CONCEITOS, TIPOLOGIA, CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

O *bullying* é caracterizado como uma forma de violência intencional, repetida e sistemática, que ocorre entre pares, na maioria das vezes em contextos escolares, e que tem como objetivo subjugar e intimidar a vítima, explorando sua vulnerabilidade. Segundo Silva (2010), o *bullying* envolve agressões físicas, verbais ou psicológicas, geralmente motivadas pela diferença percebida ou estigmatizada na vítima, seja em termos de raça, gênero, aparência física ou até mesmo desempenho acadêmico. O que diferencia o *bullying* de outros tipos de conflitos é a persistência e o desequilíbrio de poder entre os envolvidos, onde a vítima tem dificuldades de se defender, perpetuando a agressão.

O conceito de *bullying* ganhou relevância mundial nas últimas décadas devido às suas graves implicações no desenvolvimento das vítimas, com destaque para a Lei nº 13.185, de 2015, que instituiu no Brasil o Programa de Combate à Intimidação Sistemática. Essa lei tem como objetivo prevenir e combater o *bullying* no ambiente escolar e outras formas de interação social, como clubes e agremiações recreativas, reconhecendo a necessidade de se abordar o problema de maneira sistemática. A importância dessa legislação reflete a gravidade do *bullying*, que, quando não combatido, pode deixar sequelas emocionais e sociais profundas nas vítimas.

As causas do *bullying* são multifatoriais, abrangendo elementos individuais, familiares e sociais. Fatores como uma educação permissiva, a ausência de limites claros no contexto familiar, a exposição à violência doméstica, além de padrões de autoridade fragilizados, pode favorecer o desenvolvimento de comportamentos agressivos em crianças e adolescentes. Segundo Lopes (2005),

as características individuais, como baixa autoestima, timidez ou algum tipo de diferença em relação ao grupo, tornam certos alunos mais vulneráveis a ataques, enquanto os agressores geralmente possuem um histórico de agressividade e enfrentam dificuldades em desenvolver empatia.

No ambiente escolar, a falta de uma gestão participativa e a ausência de políticas educativas eficazes para promover a convivência respeitosa entre os alunos criam um terreno fértil para o surgimento e perpetuação do *bullying*. As dinâmicas de poder e a exclusão social são dois fatores centrais que alimentam o ciclo de violência. Muitas vezes, o *bullying* se manifesta como uma forma de reforçar hierarquias informais dentro do grupo, onde os agressores buscam status e popularidade às custas de suas vítimas, que são marginalizadas e, frequentemente, silenciadas.

As consequências do *bullying* são devastadoras, tanto para as vítimas quanto para os agressores. Em relação às vítimas, os impactos vão desde o comprometimento do rendimento escolar, passando pelo isolamento social, até o desenvolvimento de transtornos emocionais graves, como depressão, ansiedade e até pensamentos suicidas. Conforme apontado por Garcia e Souza (2022), 36% dos alunos que sofrem *bullying* manifestam o desejo de abandonar a escola devido às violências sofridas, o que demonstra o quanto o *bullying* afeta a segurança emocional e a autoestima dos estudantes. Em casos extremos, essa violência pode levar ao desenvolvimento de transtornos psicológicos persistentes na vida adulta, incluindo depressão crônica, transtornos alimentares e fobia social.

Além disso, o *bullying* pode gerar um ciclo de violência contínua, onde a vítima, após anos de abusos, pode tornar-se um agressor em outros contextos, reproduzindo o comportamento aprendido. Os agressores também sofrem consequências, uma vez que têm maior probabilidade de desenvolver problemas de comportamento, dificuldade em estabelecer relações interpessoais saudáveis, além de enfrentar fracassos acadêmicos e sociais ao longo de suas vidas.

Nesse sentido, as escolas têm um papel fundamental na prevenção do *bullying*. É essencial que a gestão escolar, em colaboração com professores e famílias, implemente políticas de convivência baseadas no respeito mútuo e na diversidade. Programas de conscientização e campanhas educativas são importantes ferramentas para reduzir a incidência de *bullying*, enquanto a criação de espaços de diálogo e apoio emocional pode ajudar as vítimas a se recuperarem dos traumas sofridos.

2.3 O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NA PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO AO BULLYING

A gestão escolar desempenha um papel estratégico na construção de um ambiente escolar seguro, inclusivo e respeitoso. É responsabilidade dos gestores desenvolver e implementar políticas que não apenas respondam a episódios de *bullying*, mas também atuem de forma preventiva, promovendo uma cultura de convivência saudável e de respeito mútuo. Segundo Luck (2012), cabe

ao gestor mobilizar, orientar e coordenar os profissionais da escola, garantindo que toda a comunidade escolar esteja envolvida nas estratégias de prevenção e combate ao *bullying*.

Neste contexto, a gestão democrática surge como um elemento crucial na prevenção e tratamento ao *bullying*, pois possibilita a participação ativa de todos os membros da comunidade escolar – professores, alunos, gestores e famílias – na criação de um espaço seguro, pautado no diálogo e na construção coletiva de soluções. Esse modelo de gestão permite que todos colaborem na resolução de desafios comportamentais e sociais que afetam o ambiente escolar.

De acordo com Mattos, Komuro e Shimada (2023), o *bullying* afeta profundamente o desenvolvimento social e cognitivo das vítimas, podendo gerar consequências graves e, por vezes, irreversíveis. A gestão democrática, ao fomentar uma estrutura participativa, fortalece as redes de apoio dentro da escola, promovendo uma convivência saudável e o respeito às diferenças. Essa abordagem é particularmente importante porque o *bullying*, em suas diversas formas – físicas, verbais ou psicológicas –, baseia-se na exclusão e no desrespeito à individualidade dos estudantes.

Além disso, a gestão democrática tem o potencial de criar políticas preventivas, que envolvem a formação contínua dos professores e a conscientização dos alunos. Como observa Alves (2023), a prevenção do *bullying* não deve ser tratada apenas como uma questão disciplinar, mas como uma medida de saúde pública necessária para o desenvolvimento integral dos estudantes. A integração entre a gestão escolar e as iniciativas de promoção da saúde é essencial para implementar programas que abordem a violência escolar de forma holística, assegurando tanto o bem-estar físico quanto o psicológico dos envolvidos.

Um dos maiores desafios enfrentados pela gestão escolar é a superação da naturalização da violência dentro do ambiente escolar. Como destaca Mattos et al. (2023), muitas vezes as agressões entre alunos são vistas como comportamentos normais, o que perpetua o ciclo de violência. Nesse sentido, a gestão democrática deve trabalhar para desconstruir essa percepção, promovendo uma cultura de paz e diálogo. A criação de espaços seguros, onde os alunos possam expressar suas preocupações, é essencial para interromper o ciclo de violência e garantir que todos sejam ouvidos.

A participação das famílias no processo de prevenção e tratamento ao *bullying* é outro aspecto fundamental. Lima e Ingrassia (2023) defendem que as escolas precisam envolver as famílias na formação dos alunos, orientando-as sobre como identificar sinais de envolvimento em situações de *bullying*, tanto como vítimas quanto como agressores. A colaboração entre a escola e as famílias é essencial para que as ações preventivas sejam eficazes, criando uma rede de suporte que ultrapasse os limites do ambiente escolar.

A gestão democrática, ao promover o engajamento da comunidade escolar, também fortalece a atuação de conselhos escolares e outros órgãos colegiados na formulação de políticas contra o

bullying. A participação ativa de diferentes segmentos da escola assegura que as decisões sejam representativas e alinhadas com as necessidades da comunidade. Essa abordagem participativa também aumenta a transparência na implementação de programas de combate ao *bullying*, garantindo que todos tenham um papel ativo na construção de um ambiente escolar mais seguro e inclusivo.

Ainda, é fundamental reconhecer que a prevenção ao *bullying* exige uma mudança cultural profunda dentro das escolas. Conforme destaca Alves (2023), o *bullying* não é apenas um conflito entre pares, mas reflete vulnerabilidades sociais e emocionais dos envolvidos. A gestão democrática tem a responsabilidade de criar políticas que abordem essas vulnerabilidades, promovendo ações de conscientização e suporte emocional, além de mecanismos claros para mediação de conflitos.

Uma gestão escolar eficaz deve adotar uma postura proativa, priorizando ações preventivas ao invés de apenas reagir a situações de violência. A criação de campanhas de conscientização, atividades educativas e a promoção do respeito à diversidade são fundamentais para evitar que o *bullying* se agrave. A construção de uma cultura de empatia e tolerância deve estar no centro das ações implementadas, envolvendo a capacitação contínua de toda a equipe escolar.

Para que essa estratégia tenha sucesso, é essencial estabelecer canais de comunicação eficazes entre todos os membros da comunidade escolar. Muitas vezes, o *bullying* não é denunciado por medo ou falta de confiança das vítimas. Assim, a gestão escolar deve criar mecanismos de denúncia acessíveis e confidenciais, garantindo que os casos de *bullying* possam ser reportados sem retaliações.

Outro fator decisivo é o envolvimento das famílias e da comunidade. O combate ao *bullying* precisa ultrapassar os limites da escola e envolver um trabalho conjunto com as famílias. Segundo Mascarenhas (2006), é fundamental desenvolver programas de educação parental que ajudem as famílias a participar ativamente na formação ética e moral dos alunos, fortalecendo valores de respeito e cooperação desde o ambiente doméstico.

A formação contínua dos profissionais da escola é um pilar importante para o sucesso dessas ações. Os gestores devem garantir que os professores estejam atualizados sobre as melhores práticas para lidar com conflitos e comportamentos de *bullying*. A realização de treinamentos focados na mediação de conflitos e na promoção de uma cultura escolar de respeito é essencial para que as intervenções sejam eficazes.

Portanto, a gestão escolar no combate ao *bullying* não se limita a responder a episódios de violência, mas envolve a criação de uma estratégia contínua de prevenção. A capacidade de articular um trabalho em equipe, envolvendo todos os atores da comunidade escolar, é fundamental para o desenvolvimento de uma cultura de convivência saudável, que promove a inclusão, o respeito e a empatia.

3 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos do estudo, este foi desenvolvido com base em uma pesquisa bibliográfica, utilizando referências teóricas atuais e relevantes para entender as relações entre a gestão escolar e o enfrentamento do *bullying*, bem como sugerir melhorias nas práticas de gestão dentro do ambiente educacional.

Esta pesquisa é de caráter bibliográfico, com o objetivo de analisar o papel da gestão escolar na prevenção e enfrentamento ao *bullying*. A pesquisa foca em examinar e sistematizar o conhecimento já existente, promovendo uma análise crítica e reflexiva sobre as práticas de gestão escolar relacionadas ao *bullying*. A coleta de dados foi realizada a partir de materiais bibliográficos e documentais, como livros, artigos, dissertações e relatórios técnicos, com ênfase nos temas de gestão escolar, políticas públicas, violência e metodologias preventivas. O processo seguiu três etapas: leitura seletiva para identificar textos pertinentes, leitura crítica para avaliar as contribuições dos autores, e leitura analítica para categorizar os dados e desenvolver as conclusões.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gestão democrática e participativa nas escolas públicas brasileiras não é apenas um ideal teórico, mas uma prática que deve ser construída diariamente, a partir do envolvimento de toda a comunidade escolar. Ela demanda a criação de espaços de participação, o fortalecimento dos órgãos colegiados e, sobretudo, o compromisso dos gestores em promover uma educação de qualidade, voltada para a formação cidadã e emancipadora. A partir desse modelo, a escola se torna não apenas um espaço de aprendizagem acadêmica, mas também um ambiente de transformação social.

Esta pesquisa oferece contribuições relevantes para a prática pedagógica e para a gestão escolar, ao investigar as melhores práticas na prevenção e enfrentamento ao *bullying*. Através de uma análise cuidadosa das ações e estratégias desenvolvidas por gestores escolares, pretende-se fornecer respostas concretas sobre quais políticas são mais eficazes na redução das ocorrências de *bullying*. Além disso, a pesquisa visa ampliar o conhecimento sobre a função da gestão escolar, reforçando a importância de um ambiente democrático e participativo como pilar para o enfrentamento da violência escolar.

Ao abordar a questão do *bullying* sob a ótica da gestão, espera-se contribuir com a literatura científica ao destacar a necessidade de integração entre os diferentes atores escolares — gestores, professores, alunos e famílias — no combate a esse fenômeno. Essa abordagem multifacetada possibilitará não apenas a resolução de conflitos, mas também a criação de um ambiente que favoreça o desenvolvimento emocional e social dos estudantes, promovendo a inclusão e o respeito à diversidade.

Embora o *bullying* já tenha sido amplamente estudado sob diversas perspectivas, a questão da gestão escolar no contexto da prevenção e enfrentamento dessa prática ainda precisa ser mais explorada. Os estudos atuais concentram-se, em sua maioria, nos aspectos psicológicos e pedagógicos do *bullying*, deixando em segundo plano o papel crucial dos gestores escolares na criação de políticas efetivas. A pesquisa proposta pretende preencher essa lacuna, oferecendo uma nova perspectiva sobre como a liderança educacional pode atuar de forma preventiva e proativa na redução da violência escolar.

Ao fornecer uma análise detalhada das práticas de gestão escolar relacionadas ao enfrentamento do *bullying*, este estudo também oferece a possibilidade de sugerir modificações importantes na realidade educacional. Entre as possíveis mudanças estão a implementação de políticas mais inclusivas, a criação de canais de comunicação mais eficazes entre a escola, alunos e famílias, e a formação continuada dos gestores e professores para lidar com situações de violência e conflito no ambiente escolar. Ao longo da pesquisa, serão indicadas estratégias de gestão que podem ser replicadas e adaptadas a diferentes contextos escolares, promovendo uma transformação positiva e duradoura na cultura escolar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das G. Violência nas escolas. Brasília: UNESCO, 2002.
- ALMEIDA, G. V. Gestão escolar: democrática e participativa na prática. *Eventos Pedagógicos*, v. 13, n. 3, p. 481-491, 2022.
- ALVES, C. F. *Bullying*: gestão escolar e a saúde pública, uma revisão da literatura. *Revista Eletrônica Gestão & Saúde*, v. 6, n. 3, p. 2919-33, 2023.
- BARROS, R. C. O papel do gestor escolar na resolução de conflitos. *Revista de Gestão Educacional*, v. 5, n. 2, p. 89-102, 2009.
- CANDAUI, V. M. F. Universidade e formação de professores: que rumos tomar? In: _____. (Org.). *Magistério, construção cotidiana*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CRUZ, C. da; LOPES, L. P.; OLIVEIRA, S. F. O Gestor escolar e os desafios do *bullying*: identificar, dialogar, gerir toda a equipe e ajudar. *Pedagogia em Ação*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/15778>>. Acesso em: 17 nov. 2023.
- DOURADO, L. F.; MORAES, K. N. de; OLIVEIRA, J. F. Conselho Escolar e Autonomia: participação e democratização da gestão administrativa, pedagógica e financeira da educação e da escola. Belo Horizonte: UFG, 2006.
- FANTE, C. *Bullying* escolar: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- GADOTTI, M. Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- GARCIA, M. F.; SOUZA, N. M. *Bullying* no ambiente escolar: um olhar a nossa volta. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, v. 09, n. 19, p. 140-158, jan./abr. 2022.
- LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor).
- LIMA, J.; INGRASSIA, I. E. S. O papel do gestor e da escola diante do *bullying*. *Trajetória Multicursos*, v. 16, n. 2, 2023, p. 93-102.
- LUCK, H. A gestão escolar no Brasil: desafios contemporâneos. São Paulo: Pioneira, 2012.
- MASCARENHAS, M. Educação e violência: o papel da família na prevenção ao *bullying*. São Paulo: Educare, 2006.
- MATOS, Alan Henrique et al. Gestão escolar democrática e participativa: desafios e perspectivas. *Revista Diálogos Acadêmicos IESCAMP*, v. 5, n. 1, p. 55-68, 2021.
- MATTOS, A. R.; KOMURO, L. S. F.; SHIMADA, M. F. P. H. *Bullying*, *Cyberbullying* e suas manifestações no ambiente escolar: um desafio de todos. *Revista Caminhos da Educação: Diálogos, Culturas e Diversidades*, v. 5, n. 3, 2023, p. 1-16.

OTERO, C. S.; YAEGASHI, J. G. *Bullying* no contexto escolar: caracterização, causas e consequências. *Revista Internacional de Formação de Professores*, Itapetininga, v. 8, p. e023003, 2023. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/view/869>>. Acesso em: 11 set. 2024.



PARO, V. H. *Implicações do caráter político da educação para a administração da escola pública*. 1996.

SANTOS, F. F. dos; SOUZA, N. M. A. de L.; MATOS, A. H. de M.; PEREZ, M. R. Gestão escolar democrática e participativa: desafios e perspectivas. *Diálogos Acadêmicos IESCAMP – ReDAI*, v. 5, n. 1, 2021.

SILVA, J. C. da. A prática do *bullying* nas escolas: causas e consequências. *Revista Brasileira de Educação*, v. 25, n. 1, 2023.

SILVA, M. A. A gestão escolar e o processo democrático e participativo. *Revista Primeira Evolução*, São Paulo, v. 1, n. 52, p. 117-122, 2024. Disponível em: <<https://primeiraevolucao.com.br/index.php/R1E/article/view/612>>. Acesso em: 11 set. 2024.

PSICOLOGIA POSITIVA E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO CONTEXTO ESCOLAR: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

  10.56238/livrosindi202476-002

RESUMO

A Psicologia Positiva e a Inteligência Emocional (IE) têm sido amplamente discutidas como abordagens essenciais para o desenvolvimento socioemocional no ambiente escolar. Este artigo tem como objetivo investigar a relação entre essas duas abordagens, explorando suas implicações para o bem-estar e o aprendizado dos alunos. Com base em uma revisão crítica da literatura, o estudo aborda os fundamentos da Psicologia Positiva, como o modelo PERMA de Seligman, que se foca em emoções positivas, engajamento, relacionamentos, sentido e realizações, e a importância da IE no gerenciamento das emoções e nas interações sociais. Foram analisados estudos teóricos e empíricos que destacam como a promoção de competências socioemocionais, como a resiliência e o autocontrole, pode criar um ambiente escolar mais inclusivo e colaborativo. As discussões ressaltam que a integração da Psicologia Positiva e da IE no currículo escolar pode melhorar o desempenho acadêmico, reduzir problemas como o bullying e promover o bem-estar emocional dos alunos. Conclui-se que essas abordagens são fundamentais para transformar o ambiente educacional, contribuindo para o desenvolvimento integral dos estudantes e a criação de uma cultura escolar mais acolhedora e produtiva.

Palavras-chave: Psicologia positiva, Inteligência emocional, Contexto escolar.

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Positiva, desde sua concepção por Martin Seligman, vem ganhando espaço como uma abordagem que enfatiza o estudo e a promoção de aspectos saudáveis e virtuosos do ser humano, como a resiliência, o otimismo e o bem-estar emocional. Ao contrário das abordagens tradicionais da psicologia que focam nas patologias e disfunções, a Psicologia Positiva se concentra no fortalecimento das capacidades humanas para atingir uma vida plena e satisfatória (Seligman, 2002; Diniz et al., 2024).

No contexto educacional, a Psicologia Positiva mostra-se especialmente relevante, pois propõe a integração de competências socioemocionais ao desenvolvimento acadêmico. Em vez de focar exclusivamente no desempenho cognitivo, esta abordagem sugere que a promoção do bem-estar psicológico dos alunos pode contribuir significativamente para a criação de um ambiente de aprendizagem mais saudável e colaborativo (Pereira, 2022; Alzina; Paniello, 2017).

Nesse sentido, a Inteligência Emocional (IE), que está intimamente ligada à Psicologia Positiva, desempenha um papel central. A IE envolve a capacidade de reconhecer e gerenciar as próprias emoções, assim como compreender e influenciar as emoções dos outros, o que é fundamental para o desenvolvimento das relações interpessoais e para o sucesso escolar (Goleman, 2018).

Nos últimos anos, houve um avanço significativo nos estudos sobre os aspectos positivos das emoções e do comportamento humano, com ênfase no bem-estar psicológico e na busca pelo prazer. Esses estudos têm como objetivo compreender os benefícios que tais aspectos podem trazer aos indivíduos, além de explorar as relações entre as causas e os efeitos das atividades cotidianas.

Conforme Ribeiro (2023), embora o termo "psicologia positiva" ainda esteja pouco presente nas discussões das disciplinas pedagógicas nos cursos de licenciatura e, menos ainda, nas escolas, ele tem emergido de forma implícita no contexto escolar brasileiro. Isso se deve, em grande parte, às novas competências socioemocionais que precisam ser desenvolvidas na educação básica. Essas competências, que abrangem as capacidades individuais de agir, pensar e sentir, bem como os comportamentos e atitudes nas interações interpessoais, desempenham um papel crucial na tomada de decisões e no enfrentamento de desafios cotidianos.

A problemática que se destaca no cenário atual da educação refere-se à ênfase excessiva em avaliações quantitativas e resultados acadêmicos, em detrimento do desenvolvimento das competências emocionais e sociais dos alunos. Pesquisas indicam que a ausência de uma alfabetização emocional pode comprometer o desempenho acadêmico e a qualidade das interações sociais no ambiente escolar, resultando em maior incidência de problemas comportamentais, ansiedade e baixo rendimento acadêmico (Dias et al., 2021).

Diante desse contexto, a Psicologia Positiva e a Inteligência Emocional surgem como alternativa poderosas para reverter esse quadro. Ambas fornecem estratégias concretas para promover o bem-estar emocional e o engajamento dos alunos, além de contribuir para a redução de problemas como o bullying e a desmotivação escolar. A escola, enquanto espaço privilegiado para o desenvolvimento emocional, tem o potencial de aplicar essas abordagens para promover o desenvolvimento integral dos alunos, fortalecendo tanto suas habilidades acadêmicas quanto suas competências emocionais.

O objetivo geral deste estudo é investigar como a integração da Psicologia Positiva e da Inteligência Emocional pode contribuir para o desenvolvimento socioemocional dos alunos e para a criação de um ambiente escolar mais saudável e eficaz. Com base em uma revisão bibliográfica, os principais tópicos abordados incluem um breve histórico da Psicologia Positiva, seus fundamentos conceituais e suas diversas aplicações, com ênfase no ambiente escolar. Além disso, o artigo discute como a Inteligência Emocional, entendida como a capacidade de gerenciar emoções de forma eficaz, pode ser integrada ao currículo escolar para promover um ambiente de aprendizado mais colaborativo e inclusivo.

2 APROXIMAÇÕES PSICOLOGIA POSITIVA E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

2.1 PSICOLOGIA POSITIVA: BREVE HISTÓRICO, FUNDAMENTOS E APLICAÇÕES

A Psicologia Positiva, enquanto movimento formal, teve sua origem em 1998 com Martin Seligman, durante seu mandato como presidente da *American Psychological Association* (APA). O objetivo principal dessa abordagem era reverter a ênfase predominante da psicologia tradicional, que por muitos anos se concentrou excessivamente nas patologias, focando principalmente no sofrimento humano e nos distúrbios mentais. A proposta de Seligman foi ampliar o escopo da psicologia para incluir o estudo sistemático das forças humanas, como otimismo, resiliência, bem-estar subjetivo, e a busca pela felicidade e pela realização pessoal (Cintra; Guerra, 2017).

Entretanto, as raízes da Psicologia Positiva podem ser encontradas muito antes de seu surgimento como movimento formal. Já na década de 1950, Abraham Maslow, um dos principais nomes da psicologia humanista, já havia introduzido a ideia de uma psicologia que estudasse o potencial humano e não apenas suas limitações. Em seu livro "*Motivation and Personality*", publicado em 1954, Maslow discutiu a necessidade de uma "Psicologia Positiva" que se focasse no desenvolvimento das potencialidades humanas (Pereira, 2022). Embora não tenha estruturado formalmente esse campo, Maslow foi pioneiro ao defender que a psicologia precisava investigar os aspectos saudáveis do comportamento humano.

Nos anos 1960, o movimento humanista, com Carl Rogers e Viktor Frankl, também contribuiu para a base da Psicologia Positiva ao enfatizar o crescimento pessoal, a autorrealização e o sentido da vida. Esses temas, explorados posteriormente no campo da Psicologia Positiva, foram fundamentais para compreender como os indivíduos podem florescer mesmo em face de adversidades (Pereira, 2022).

A Psicologia Positiva passou a ganhar força no final dos anos 1990, e, com o passar do tempo, tornou-se um campo amplamente reconhecido e integrado em várias áreas, incluindo a saúde, educação e organizações. Seligman, junto com Mihaly Csikszentmihalyi, um dos principais teóricos do "fluxo" ou estado de imersão total em atividades, consolidou o campo como uma área de estudo robusta. A partir de 2006, o lançamento do *Journal of Positive Psychology* ajudou a estabelecer uma base acadêmica sólida para o desenvolvimento teórico e empírico da Psicologia Positiva (Diniz, et al, 2024; Ferrari, 2020).

No Brasil, a Psicologia Positiva ainda está em processo de consolidação. Embora não haja tantos estudos quanto em outros países, pesquisas e intervenções focadas em variáveis positivas, como resiliência e bem-estar subjetivo, têm crescido nas últimas décadas. Esse movimento tem se expandido especialmente em áreas como a saúde e a educação, com um foco crescente na promoção da qualidade de vida (Ferreira; Lamas, 2020). Assim, a Psicologia Positiva é um campo que vem se

desenvolvendo com o objetivo de transformar a forma como entendemos o comportamento humano, promovendo o florescimento individual e social ao investigar os aspectos que tornam a vida digna de ser vivida.

A Psicologia Positiva baseia-se em um conjunto de fundamentos que buscam promover o bem-estar e o florescimento humano, em oposição ao foco tradicional da psicologia nas patologias e disfunções. Entre os principais conceitos que sustentam essa abordagem estão o bem-estar subjetivo, a resiliência, as virtudes humanas e o desenvolvimento de forças pessoais, que atuam como pilares para o crescimento individual e social (Seligman, 2002).

O bem-estar subjetivo é um dos alicerces centrais da Psicologia Positiva e refere-se à forma como os indivíduos avaliam suas vidas em termos de satisfação e emoções positivas. Seligman, um dos fundadores desse campo, propôs o modelo PERMA, que descreve cinco elementos essenciais para o florescimento humano: emoções positivas (*Positive Emotions*), engajamento (*Engagement*), relacionamentos (*Relationships*), sentido (*Meaning*) e realizações (*Accomplishment*) (Pereira, 2022). Esses elementos fornecem uma estrutura para entender como as pessoas podem não apenas sobreviver, mas prosperar ao longo da vida.

A resiliência, outro conceito fundamental, está ligada à capacidade de enfrentar adversidades e superá-las de forma positiva. De acordo com a Psicologia Positiva, a resiliência pode ser desenvolvida através do fortalecimento de características como o otimismo, o autocontrole e a esperança, que permitem que o indivíduo lide melhor com situações de estresse e desafios (Pereira, 2022). Essas habilidades ajudam a pessoa a se adaptar e a crescer diante de dificuldades, contribuindo para um estado de bem-estar mais robusto e estável ao longo do tempo.

Além disso, a Psicologia Positiva enfatiza a importância das virtudes humanas. Seligman e Peterson (2003) identificaram seis virtudes principais que são universais e promovem o desenvolvimento humano: sabedoria, coragem, humanidade, justiça, temperança e transcendência. Essas virtudes, quando cultivadas, ajudam os indivíduos a encontrar propósito e significado em suas vidas, além de fomentar a capacidade de criar e manter relacionamentos saudáveis e significativos.

Outro fundamento importante da Psicologia Positiva é o desenvolvimento das forças pessoais, que são características positivas individuais, como criatividade, persistência, integridade e bondade. Essas forças são vistas como fatores que potencializam o bem-estar e o desempenho, não apenas em contextos pessoais, mas também em ambientes educacionais e profissionais (Pereira, 2022). A Psicologia Positiva propõe que o foco no desenvolvimento dessas forças, ao invés de se concentrar nas fraquezas, pode levar a um crescimento mais significativo e sustentável.

Por fim, a ideia de engajamento, proposta por Mihaly Csikszentmihalyi com o conceito de "fluxo", é central na Psicologia Positiva. O estado de fluxo refere-se à experiência de imersão total em uma atividade, na qual o indivíduo está completamente envolvido e encontra um profundo senso de satisfação e realização (Torres; Bonilla; González, 2015). Esse estado é considerado um dos caminhos para alcançar o bem-estar e a felicidade duradoura.

Esses fundamentos, em conjunto, oferecem uma visão holística do desenvolvimento humano, focada não apenas na ausência de problemas, mas na promoção ativa de uma vida plena e significativa.

A Psicologia Positiva é aplicada em diversas áreas, incluindo a educação, a saúde, o contexto organizacional e as intervenções psicoterapêuticas. No campo organizacional, promove o bem-estar e a produtividade, incentivando virtudes como gratidão e otimismo. Na saúde, atua na promoção de comportamentos saudáveis e prevenção de doenças, com foco na resiliência e práticas de *mindfulness*, ajudando na recuperação de pacientes crônicos e no enfrentamento do estresse. Em intervenções psicoterapêuticas, busca fortalecer as qualidades individuais, como autoaceitação e propósito, proporcionando um bem-estar mais duradouro. Além disso, é utilizada na prevenção de transtornos emocionais, como depressão e ansiedade, através do desenvolvimento de fatores protetivos como o otimismo e a esperança.

No contexto escolar, a Psicologia Positiva atua de forma a promover um ambiente de ensino mais acolhedor e inclusivo, indo além da transmissão de conteúdos acadêmicos e focando no desenvolvimento socioemocional dos alunos. Por meio de estratégias que fortalecem habilidades como resiliência, autocontrole e inteligência emocional, essa abordagem visa preparar os estudantes para os desafios escolares e pessoais. Ao criar um ambiente de apoio e incentivo, a educação positiva contribui para aumentar o engajamento, o bem-estar e o sucesso acadêmico, formando indivíduos mais preparados para enfrentar adversidades com uma visão positiva e resiliente.

2.1.1 Psicologia Positiva no contexto escolar

Os estudos da Psicologia Positiva no contexto escolar têm crescido significativamente nos últimos anos, trazendo contribuições valiosas para o desenvolvimento integral dos alunos, tanto no âmbito acadêmico quanto no emocional. A partir dos fundamentos da Psicologia Positiva, essa abordagem busca transformar a educação, colocando o bem-estar dos estudantes no centro das práticas pedagógicas e promovendo o florescimento humano (Pereira, 2022). A educação positiva, derivada desse movimento, enfatiza a importância de desenvolver competências socioemocionais, como a resiliência, o otimismo e a inteligência emocional, que são essenciais para a formação de indivíduos preparados para enfrentar os desafios da vida.

No contexto escolar, a Psicologia Positiva propõe uma mudança de paradigma, focando no desenvolvimento das potencialidades dos estudantes em vez de se concentrar apenas em suas dificuldades. Essa abordagem sugere que, ao promover experiências positivas e ao encorajar o uso das forças pessoais dos alunos, é possível criar um ambiente escolar mais engajador e produtivo (Ribeiro, 2023). Estudos indicam que alunos que desenvolvem habilidades como a gratidão, a empatia e a autorregulação emocional apresentam melhores desempenhos acadêmicos e convivem de maneira mais harmoniosa com colegas e professores.

A educação positiva também está intimamente ligada à promoção do bem-estar subjetivo, que envolve a satisfação com a vida, a presença de emoções positivas e a ausência de emoções negativas (Diniz, et al., 2024). Ao incorporar esses princípios no ambiente escolar, os professores não apenas ajudam os alunos a alcançar melhores resultados acadêmicos, mas também contribuem para o desenvolvimento de sua saúde mental e emocional.

Além disso, o papel do professor é fundamental na implementação de práticas pedagógicas baseadas na Psicologia Positiva. O professor atua como mediador e facilitador no desenvolvimento das forças dos alunos, promovendo um clima de sala de aula positivo e incentivando a cooperação e a confiança mútua (Pereira, 2022). Em ambientes escolares onde a educação positiva é aplicada, observa-se uma redução de comportamentos problemáticos, como o bullying, e um aumento no envolvimento dos alunos nas atividades escolares.

Outro aspecto relevante dos estudos sobre Psicologia Positiva no contexto escolar é o impacto das intervenções positivas na promoção da resiliência. Programas educacionais que integram a resiliência como uma competência a ser desenvolvida ajudam os estudantes a construir uma visão mais otimista e realista sobre os desafios que enfrentam, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.

Portanto, os estudos da Psicologia Positiva no contexto escolar demonstram que o foco no desenvolvimento das virtudes e forças humanas tem o potencial de transformar o ambiente educacional, promovendo não apenas o sucesso acadêmico, mas também o bem-estar emocional dos alunos. Essa abordagem oferece uma alternativa promissora para enfrentar os desafios do sistema educacional contemporâneo, ao criar uma cultura de aprendizagem mais positiva e inclusiva.

2.2 COMPREENDO A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

A Inteligência Emocional (IE) emergiu como um dos constructos mais investigados nas ciências sociais e organizacionais, especialmente no período recente, refletindo sua relevância em diversos contextos, incluindo a educação e a liderança organizacional. Entre os anos de 2020 e 2024, a pesquisa sobre IE tem se expandido, investigando suas implicações tanto para o desempenho acadêmico quanto para a eficácia na gestão de pessoas.

Segundo o modelo pioneiro de Salovey e Mayer (1990), a IE envolve a capacidade de reconhecer, compreender e regular as próprias emoções, além de compreender e influenciar as emoções dos outros. Este modelo, posteriormente popularizado por Daniel Goleman, foi desdobrado em cinco componentes centrais: autoconhecimento, autocontrole, automotivação, empatia e habilidades sociais (GARCÍA-BULLÉ, 2021).

Tais dimensões categorizam-se em competências intrapessoais, que tratam da gestão das próprias emoções, e competências interpessoais, que lidam com as interações sociais e a influência sobre os outros (Goleman, 2018). Essas dimensões são fundamentais no processo de autorregulação emocional e nas interações interpessoais, sendo altamente valorizadas tanto no ambiente educacional quanto no organizacional.

No ambiente escolar, a aplicação da Inteligência Emocional tem sido amplamente documentada como um fator crucial para o sucesso acadêmico e o desenvolvimento social dos alunos. Ferrari (2020) destaca que a IE contribui para a criação de um ambiente de aprendizagem mais saudável, onde os alunos são capazes de desenvolver resiliência, resolver conflitos de forma construtiva e lidar melhor com a pressão por desempenho acadêmico. Tais competências são essenciais para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais que permitem aos alunos não apenas enfrentar desafios acadêmicos, mas também participar de dinâmicas sociais e colaborativas dentro da sala de aula (Fernández-Berrocal; Extremera, 2022).

Estudos recentes sugerem que os programas focados no desenvolvimento de competências emocionais resultam em melhor desempenho acadêmico e maior motivação entre os estudantes, além de criar um ambiente mais colaborativo, reduzindo comportamentos negativos como bullying e isolamento social (Dias et al., 2021). Isso corrobora a visão de que a IE desempenha um papel central na promoção de ambientes educacionais positivos, onde as interações entre alunos e professores são pautadas pelo respeito e pela empatia, aspectos essenciais para um aprendizado efetivo.

Embora a popularização da Inteligência Emocional tenha despertado grande interesse tanto no meio acadêmico quanto no público geral, o conceito também foi alvo de críticas, particularmente em relação à sua validade científica. Primi (2003) observou que muitos dos primeiros estudos sobre IE, especialmente os conduzidos por Goleman, careciam de suporte empírico robusto. No entanto, ao longo da última década, estudos têm fortalecido as bases científicas do conceito, utilizando ferramentas de mensuração mais precisas, como o MSCEIT (*Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test*), que se mostrou eficaz na avaliação das dimensões da IE (Fernández-Berrocal et al., 2012). Além disso, a necessidade de uma metodologia de mensuração mais robusta e culturalmente adaptada ainda é um dos principais desafios enfrentados pelos pesquisadores da área (Roberts et al., 2002).

A BNCC, em consonância com as demandas da sociedade contemporânea, reconhece que a escola deve preparar os alunos não apenas para o mercado de trabalho, mas também para a vida em sociedade, cultivando habilidades como autocontrole, empatia, cooperação e resolução de conflitos.

Conforme Ribeiro (2023), as competências socioemocionais, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), são as seguintes: 1) autogestão, que envolve determinação, organização, foco, persistência e responsabilidade; 2) gentileza, abrangendo empatia, respeito e confiança; 3) abertura ao novo, que inclui curiosidade para aprender, imaginação criativa e interesse artístico; 4) compromisso com os outros, envolvendo iniciativa social, assertividade e entusiasmo; e 5) resiliência emocional, que se refere à tolerância ao estresse, autoconfiança e tolerância à frustração.

Essas competências estão diretamente relacionadas às virtudes promovidas pela psicologia positiva. Assim, embora os professores da educação básica possam não ter estudado psicologia positiva em sua formação inicial ou não estejam plenamente familiarizados com o conceito, a presença das competências socioemocionais nas escolas faz com que eles, ainda que indiretamente, trabalhem e promovam elementos dessa abordagem em suas práticas pedagógicas.

A BNCC propõe que essas competências sejam desenvolvidas de forma transversal ao longo de toda a educação básica, promovendo a formação de indivíduos mais equilibrados emocionalmente, capazes de tomar decisões responsáveis e de se engajar em relações interpessoais saudáveis. Estudos indicam que alunos com maior desenvolvimento da IE apresentam melhores resultados acadêmicos, maior resiliência e uma capacidade aprimorada de enfrentar desafios e adversidades (Goleman, 2018; Pereira, 2022). Isso ocorre porque a IE permite aos estudantes lidar com a pressão acadêmica e com as demandas emocionais do ambiente escolar de maneira mais eficaz.

Com base nos estudos analisados, pode-se dizer que há cinco princípios gerais que podem ser trabalhados e estão ligados a atitudes e ações permanentes que, ao serem aplicadas, contribuem significativamente para a criação de um ambiente positivo na sala de aula e, de forma mais ampla, nas escolas. Esses princípios são capazes de fortalecer tanto o bem-estar quanto o aprendizado. São eles: 1) a postura dos professores, que devem adotar práticas mais positivas em sala de aula, considerando as formas de aprendizagem dos alunos e respeitando suas experiências individuais; 2) criar condições que favoreçam o fluxo natural da aprendizagem; 3) promover uma educação que valorize a qualidade em detrimento da quantidade; 4) optar por metodologias ativas, mais estimulantes, além de adotar modelos de ensino variados e bem organizados; e 5) utilizar eficazmente os programas escolares já existentes.

Ao incorporar esses princípios no cotidiano da sala de aula, os professores poderão, mesmo de forma involuntária, desenvolver e incentivar os pontos fortes individuais de cada aluno. Além disso, o trabalho docente pode incluir práticas que fomentem a cooperação entre os estudantes, assim

como atividades que promovam uma aprendizagem mais significativa. Em um ambiente que prioriza o aprendizado, as emoções e as forças dos indivíduos são fundamentais (Fernández-Berrocal, P.; Extremera, 2022).

A Inteligência Emocional continua a ser um tema de grande relevância nas áreas de ciências sociais, educacionais e organizacionais, com implicações comprovadas para o sucesso acadêmico, a eficácia na liderança e a qualidade das interações sociais. O desenvolvimento de programas que promovem a IE em escolas e organizações oferece um caminho promissor para melhorar o bem-estar emocional e aumentar o sucesso em diversos contextos. À medida que a pesquisa avança, espera-se que novas ferramentas de mensuração e intervenções possam consolidar ainda mais a IE como um construto fundamental para o desenvolvimento humano.

3 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos, este estudo foi desenvolvido com base em uma pesquisa de caráter bibliográfico, focada em analisar a integração da Psicologia Positiva e da Inteligência Emocional no contexto educacional. O intuito foi compreender como essas abordagens podem promover o desenvolvimento socioemocional e contribuir para a criação de ambientes escolares mais colaborativos e inclusivos. A pesquisa se concentrou na análise crítica de literatura teórica e empírica, incluindo livros, artigos científicos e dissertações publicadas entre 2000 e 2024, que abordam os fundamentos da Psicologia Positiva, suas aplicações na educação e a importância da Inteligência Emocional no ambiente escolar.

A coleta de dados seguiu três etapas principais: (1) Leitura seletiva, na qual foram identificadas e selecionadas as obras mais relevantes para o tema, com ênfase em estudos que exploram o impacto da Psicologia Positiva e da IE no desempenho acadêmico e no bem-estar emocional; (2) Leitura crítica, destinada a avaliar as contribuições de diferentes autores e identificar os pontos convergentes e divergentes nas abordagens analisadas; e (3) Leitura analítica, voltada para a categorização dos principais conceitos e dados, possibilitando a construção de uma síntese dos resultados.

Os materiais analisados incluíram textos que discutem os pilares da Psicologia Positiva, como o modelo PERMA de Seligman, e estudos sobre as dimensões da Inteligência Emocional, como o autocontrole e a empatia, e suas implicações no ambiente educacional. O processo culminou na formulação de propostas que sugerem a inserção de práticas pedagógicas baseadas nessas abordagens para o fortalecimento do desenvolvimento socioemocional dos alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto escolar, a Psicologia Positiva está inserida na educação positiva, e é trabalhada por intermédio das competências socioemocionais. Com base no exposto, destacamos que cinco princípios essenciais para melhorar o clima escolar e o aprendizado são: práticas positivas dos professores, criação de condições que facilitem o aprendizado, foco na qualidade da educação, uso de metodologias ativas e aproveitamento de programas escolares. Esses princípios ajudam a desenvolver as habilidades dos alunos e promover uma aprendizagem cooperativa e significativa.

A revisão dos textos revelou também que a Inteligência Emocional e a Psicologia Positiva são ferramentas essenciais para a promoção de um ambiente de aprendizado saudável e produtivo. A aplicação dessas abordagens no contexto educacional resulta em benefícios tanto para o desempenho acadêmico quanto para o bem-estar emocional dos alunos. Ao promover o desenvolvimento de competências emocionais, como a empatia, o autocontrole e a resiliência, as escolas podem criar um ambiente onde os alunos se sintam seguros para aprender e crescer de maneira integral.

Os programas de educação emocional e Psicologia Positiva devem, portanto, ser integrados ao currículo escolar, garantindo que o desenvolvimento das habilidades socioemocionais seja uma prioridade. Isso não apenas melhora o desempenho acadêmico, mas também prepara os alunos para lidar com os desafios da vida fora da escola, ajudando-os a se tornarem pessoas emocionalmente equilibrados e socialmente responsáveis.

REFERÊNCIAS

- ALZINA, R. B.; PANIELLO, S. H. Psicologia positiva, educação emocional e o programa Happy Class Class. *Papéis do psicólogo*, v. 38, n. 1, p. 58-65, 2017.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018.
- CINTRA, C. L.; GUERRA, V. M. Educação Positiva: A aplicação da Psicologia Positiva a instituições educacionais. *Psicologia escolar e educacional*, v. 21, n. 3, p. 505-514, 2017.
- DIAS, A. T.; SOUZA, R. C.; BRAVO, R. B. Inteligência emocional e seus impactos na aprendizagem escolar. *Revista Panorâmica online*, v. 36, 2022.
- DINIZ, A. V. P. et al. Disciplina Positiva na escola: uma Revisão Sistemática da Literatura. *Revista Coopex.*, v. 15, n. 02, p. 4842-4854, 2024.
- FERNÁNDEZ-BERROCAL, P.; EXTREMERA, N. Inteligência emocional e qualidade de vida em gestores brasileiros. *Avaliação Psicológica*, 10(2), 117-127, 2022.
- FERRARI, A. P. M. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. *Gestão & Produção*, 17(2), 421-431, 2020.
- FERREIRA, P. C.; LAMAS, K. C. A. Aplicações da psicologia positiva no desenvolvimento infantil: Uma revisão de literatura. *Psico-USF*, v. 25, n. 3, p. 493-505, 2020.
- GARCÍA-BULLÉ, S. ¿Qué es la inteligencia emocional y por qué necesitamos enseñarla. *Observatorio Tecnológico de Monterrey*, 2021.
- GOLEMAN, D. O poder da inteligência emocional: Como liderar com sensibilidade e eficiência. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- PEREIRA, R. B. Educação Positiva. Monografia (Graduação em Psicologia). Universidade de Uberaba, 2022.
- PRIMI, R. Inteligência emocional: questões científicas, controvérsias e evidências empíricas. *Psicologia em Estudo*, 8(1), 79-88, 2003.
- REPPOLD, Caroline Tozzi; ALMEIDA, Leandro S. Educação Positiva: Impactos da Psicologia Positiva na área da Educação. *LIVRO de ATAS*, p. 8, 2016.
- RIBEIRO, J. P. M. Psicologia positiva aplicada à educação: um olhar sobre o pensamento de professores das ciências da natureza acerca das virtudes humanidade e justiça. *Boletim Técnico do Senac*, v. 49, 2023.
- ROBERTS, R. D., FLORES-MENDOZA, C., & NASCIMENTO, E. Theoretical and measurement models of emotional intelligence. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 177-189, 2002.

SELIGMAN, M. E. P. Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. In: Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (Eds.). Handbook of Positive Psychology. Oxford: Oxford University Press, 2002.

TORRES, L. H.; BONILLA, R. E. B.; GONZÁLEZ, T. M. P. Psicologia positiva e inteligência emocional na educação. DEDiCA Revista de Educação e Humanidades (dreh), n. 8, pág. 139-153, 2015.

REALIZAÇÃO:

SEVEN
publicações acadêmicas

ACESSE NOSSO CATÁLOGO!



WWW.SEVENPUBLI.COM

CONECTANDO O **PESQUISADOR** E A **CIÊNCIA** EM UM SÓ CLIQUE.